



Nuno Terras Marques Presidente-executivo da Visabeira

Apoio no gás “é como mandar um pionés para tratar um elefante”

Textos **MIGUEL PRADO**
Foto **NUNO FOX**

No primeiro semestre, a Vista Alegre Atlantis (VAA), do grupo Visabeira, somou receitas de €68 milhões, face a €49 milhões no ano passado, e está cada vez mais internacional. O presidente executivo da Visabeira, Nuno Terras Marques, diz que o apoio do Estado à indústria para compensar o disparo da fatura do gás é “totalmente insuficiente”.

Neste momento, quais são os principais desafios que a Vista Alegre tem?

■ Ao nível das vendas, estamos a evoluir de forma extremamente favorável. A marca cada vez está mais conceituada. O primeiro semestre de 2022 é a primeira vez em que as vendas lá fora tiveram um peso maior do que as vendas a nível nacional, e já com as lojas todas abertas. É um claro reconhecimento de que a marca está cada vez mais forte lá fora.

Pela primeira vez, a marca Vista Alegre faturou mais no exterior?

■ Sim. Mas convém dar uma outra nota. Não estamos a vender menos no mercado nacional, continuamos a crescer. Estamos a crescer mais rápido no mercado internacional, com especial incidência em quatro mercados, o espanhol, EUA, Brasil e França. Os principais desafios prendem-se com a estrutura de custos, que tem sofrido um forte impacto este ano, nomeadamente no gás natural. O incremento do gás natural no primeiro semestre de 2022, comparativamente com 2021, é de €7 milhões. Estamos a falar de um impacto extremamente elevado, que nos afeta.

O agravamento é um décimo das vendas.

■ É um décimo das vendas, sim.

É igual a importância da mão de obra e outros custos na estrutura da Vista Alegre?

■ Depende. A Vista Alegre tem hoje seis fábricas, com diferentes atividades. Em termos médios, o peso dos gastos com pessoal andar abaixo dos 30% das vendas em termos médios.

O que estão a fazer em relação aos encargos com o gás natural?

■ Uma forma é tentarmos ser mais eficientes, reduzir alguma atividade nos fornos. Há uma gestão operacional que pode ter um impacto de 5% a 10% no nosso consumo. Depois, há uma estratégia já implementada, mas que demorará algum tempo (faz parte dos projetos do PRR), no sentido da conversão da generalidade dos nossos fornos para um consumo híbrido de gás e hidrogénio.

Quanto tempo vai demorar esse projeto de adesão ao hidrogénio?

■ Ainda é muito prematuro, mas diria que levará não menos de dois anos. Aproveito para comentar que o que o Governo propôs como compensação a este sector cerâmico, que é tão importante para a economia nacional e para as exportações e que está a ser claramente sacrificado com este incremento do gás, foi uma compensação de até €400 mil por ano e por empresa. Na Vista Alegre há um potencial de ir recuperar €1,2 milhões [em três empresas], quando só no primeiro semestre esse incremento já foi de €7 milhões.

Considera equilibrado este apoio?

■ Considero totalmente insuficiente, inapropriado. É como mandar um pionés para tratar um elefante. Se olharmos para o custo do gás natural no mês de julho, o impacto no segundo semestre poderá facilmente ir para €10 milhões a €12 milhões. O custo em ju-

lho é elevadíssimo. A perda de competitividade da indústria portuguesa é absolutamente gritante. E deve-se não à falta de eficiência, mas a um apoio da parte do Governo que é inferior ao que é dado aos nossos concorrentes, nomeadamente na Alemanha e em França.

Vocês pararam fábricas?

■ Não. Optámos por não parar fábricas. Mas racionalizámos a utilização de alguns fornos.

Continuam sem planos para parar?

■ Até ao momento, a nossa decisão foi manter todas as fábricas a trabalhar, e assim gostaríamos que continuasse.

A proposta da Comissão Europeia de um corte de 15% no consumo de gás até março é exequível para Portugal, e em particular para indústrias como a Vista Alegre?

■ Há possibilidade de haver uma redução do consumo. Nós tentamos ser cada vez mais eficientes, encontrar formas de racionalizar o uso de gás, e estamos a conseguir fazê-lo. Estamos a consumir em algumas unidades menos gás do que no ano passado.

Como é que, na prática, a Vista Alegre conseguiu fazer reduções de 5% a 10%?

■ Nós desligámos por alguns meses, desde fim de março, um forno da Vista Alegre que era o maior consumidor de gás, um dos fornos mais antigos, e havia outros fornos mais atualizados que desligávamos ao fim de semana e agora estão a laborar 24 sobre 24 horas, procurando rentabilizar a utilização desses fornos alterando a estrutura logística em termos de turnos de trabalho. Levou a uma poupança de consumo de metros cúbicos de gás na fábrica de Ilhavo de perto de 30%. Mas depois, quando o preço aumentou cinco vezes, a nossa fatura continua a ser muito superior.

É possível ir mais além ou já esgotaram o cardápio de medidas?

■ Neste momento, sem ter impacto na nossa produção, não temos mais medidas de redução de gás, a não ser, a prazo, a conversão dos fornos.

mprado@expresso.imprensa.pt

“
PELA PRIMEIRA VEZ, AS VENDAS DA VISTA ALEGRE LÁ FORA TIVERAM MAIS PESO DO QUE A NÍVEL NACIONAL
”



Visabeira prevê mais aquisições ainda este ano

A Visabeira mantém viva a vontade antiga de levar para a Bolsa parte do seu negócio. A Goldman Sachs poderá ajudar nisso

Depois do anúncio da entrada da Goldman Sachs Asset Management no capital da Constructrel, em outubro de 2021, com um investimento de €200 milhões, esta participada do grupo Visabeira tem intensificado o seu crescimento por aquisições. Só este ano já anunciou investimentos em Itália, na Alemanha e na Irlanda. E a onda das compras de empresas não ficará por aqui.

“Ainda não fechámos a loja. Ainda pretendemos fazer mais algumas aquisições”, declarou ao Expresso o presidente exe-

cutivo da Visabeira, Nuno Terras Marques. “Este ano, o nosso foco principal é a Europa. O mercado alemão continua a ser um mercado no qual estamos mais focados, mas o mercado nórdico também poderá ser um alvo”, acrescentou.

Nuno Terras Marques frisa, todavia, que a maior parte do crescimento continua a ser orgânico. No primeiro semestre, as receitas do grupo aumentaram €170 milhões, dos quais menos de um terço resultaram das aquisições.

Certo é que o grupo Visabeira está a engordar a sua participada Constructrel, pretendendo afirmá-la como uma referência europeia na construção de redes de telecomunicações e de energia. Essa estratégia poderá

incluir, no médio prazo, uma dispersão de capital.

A entrada em Bolsa é uma vontade antiga do grupo de Viseu. Já em 2006, a empresa admitia, segundo o “Jornal de Negócios”, dispersar 25% a 30% do seu capital, o que não aconteceu. Em 2019, o “Jornal Económico” escrevia que o grupo estava a estudar colocar em Bolsa (em Portugal ou em França) o negócio de infraestruturas de telecomunicações, num prazo de dois ou três anos. Também não aconteceu.

Levar a Constructrel para a Bolsa “vai depender dos mercados”, diz Nuno Terras Marques. “Mas diria que está no nosso horizonte um espaço temporal de três a cinco anos”, acrescenta o gestor, admitindo que



ID: 100435165

29-07-2022 | Economia

“Produzimos 50 milhões de pratos por ano para o Ikea. É um orgulho”

ACERCA DE...

SUBSÍDIOS

“A Visabeira não está minimamente viciada em obter apoios”

DÍVIDA

“Nos últimos sete anos, a dívida líquida tem-se reduzido bastante”

ENCOMENDAS

“Temos €5,5 mil milhões de negócios em carteira ou em renovação. É uma almofada bastante interessante para o nosso crescimento futuro”

EFACEC

“Sabemos quais as suas forças e fraquezas. Mas nunca esteve em cima da mesa analisarmos o dossiê Efacec”

GOLDMAN SACHS

“Além do dinheiro, também aporta know-how, que nos ajudará na preparação de uma eventual entrada em Bolsa”

Para este ano, o presidente-executivo da Visabeira projeta um crescimento de faturação de mais de 20%

Nos últimos anos, o grupo Visabeira foi-se afirmando como um dos maiores conglomerados industriais do país, comandando a partir de Viseu uma rede de negócios diversificados, que tem na Vista Alegre apenas uma de várias empresas. Uma outra é a Ria Stone, em Ilhavo. “Hoje é um orgulho termos a fábrica mais automatizada do mundo na produção de pratos para o Ikea”, afirma o presidente-executivo da Visabeira, Nuno Terras Marques.

E, apesar dessa automatização, tem tido um número crescente de trabalhadores, hoje cerca de 280. “Claro que dá emprego. Estamos a produzir 50 milhões de pratos por ano para o Ikea”, afirma o gestor. É nota que a posição da Ria Stone enquanto fornecedor da multinacional sueca “é fruto da competência portuguesa”.

Essa competência, afirma, “coloca-nos a par com os nossos concorrentes asiáticos em termos de competitividade”. “O Ikea não nos compra [pratos] só porque gosta de nós ou dos nossos lindos olhos. Compra porque é mais competitivo para eles comprar-nos a nós, em Portugal, do que na Ásia”, defende.

O gestor defende que no capítulo da industrialização “Portugal tem condições excecionais dentro do mercado europeu”, nomeadamente a “capacidade de inovação e de engenharia”.

Globalmente, a Visabeira já fatura mais de €1000 milhões por ano, tendo em 2021 crescido a dois dígitos. E isso voltará a acontecer este ano. “No primeiro semestre já crescemos

32% face ao primeiro semestre do ano passado e atingimos €700 milhões de vendas”, indica. As aquisições de empresas explicam menos de um terço do aumento das vendas. O gestor assegura que “muito pouco” dessa subida de faturação é atribuível à inflação, sendo a maior parte explicada pelo crescimento orgânico dos negócios do grupo.

E projeta para 2022 um aumento das vendas da Visabeira de mais de 20%. O EBITDA (resultado antes de juros, impostos, depreciações e amortizações) terá um crescimento “bastante menor”, mas ainda assim com uma evolução positiva face a 2021.

Grupo Visabeira faturou €700 milhões no primeiro semestre, mais 32% do que no ano passado

a entrada da Goldman Sachs na estrutura acionista da Constructel ajudará o grupo Visabeira a preparar essa potencial operação.

“Claramente, a Bolsa portuguesa tem um problema de dimensão e de liquidez. Por isso, a nossa estratégia poderá não passar pela Bolsa em Portugal. Poderá passar pela entrada em Bolsa a nível internacional”, explica o líder da Visabeira. Nuno Terras Marques nota que “nada está decidido”, mas “Londres, Paris, Amesterdão ou Frankfurt podem ser possibilidades”.

A acontecer, essa dispersão de capital será na Constructel e não no grupo Visabeira. “Acreditamos que a abertura de capital de uma empresa que tem uma atuação específica tem maior potencial de sucesso do que uma abertura de capital de uma holding.”

Embora a entrada em Bolsa seja ainda incerta, o grupo tem protagonizado uma série de investimentos também em Portugal, onde adquiriu o controlo do grupo EIF e uma posição

minoritária na Jayme da Costa, duas empresas históricas portuguesas na prestação de serviços no sector energético.

“Esses investimentos foram no sentido de aumentar a nossa rede de conhecimento e utilizar as nossas competências de gestão e de recuperação para aplicar a duas empresas que tinham nome e conhecimento mas que do ponto de vista da gestão tinham lacunas que as levaram a ter problemas financeiros extremamente graves”, explica.

O presidente-executivo da Visabeira diz ver outras oportunidades de investimento em Portugal, mas recusa entrar em detalhes. “Quanto a empresas que estejam em dificuldades económicas, o único país onde nós não teremos problemas em investir e fazer recuperação é em Portugal”, afirma, acrescentando que “uma coisa é fazer uma recuperação económica num país que conhecemos, outra é fazê-lo fora do nosso país”. “É muito difícil fazer a recuperação de uma empresa”, sublinha.



BASF
We create chemistry

Adecco
Trabalhamos para que outros possam fazê-lo!

OPINIÃO

Quem decide o aeroporto?
LUÍS TODO BOM E29

O "milagre" económico de Portugal
LUÍS MARQUES E14



O que há a aprender com o Sri Lanka
RICARDO REIS E3

PESSOAS

Rodrigo Vasques Jorge é o novo diretor-geral da Oracle Portugal E27



Dicas Cinco regras-chave para reter talento nas empresas E27

Expresso



Casa com quatinho para mais um

Abra uma nova página na sua vida.

BPI Expresso
bpiexpressoimobiliario.pt

ECONOMIA

IMOBILIÁRIO & EMPREGO

Expresso
2596
29 de julho de 2022
www.expresso.pt

Empresas vão ter €4,6 mil milhões no Portugal 2030

➔ **Novos incentivos ao investimento** chegam em 2023 ➔ **Grandes empresas** podem ter apoios à investigação e à descarbonização E16



Ramalho vai aprender a ser não-executivo

CEO do Novo Banco por seis anos diz ao Expresso que saída foi "exemplar" E8

Cereais continuam retidos na Ucrânia

Apesar do acordo com a Rússia para escoar os cereais pelo Mar Negro, o impasse mantém-se e afeta a agricultura portuguesa

Os preços dos cereais continuam em alta e sujeitos a elevada volatilidade. Os agricultores já não têm dinheiro para comprar rações e vendem os animais mais cedo do que o previsto. E6



Seca acentuada antecipa vindimas

Dó Alentejo ao Douro, são muitos os produtores que se preparam para a colheita em agosto. Uvas refletem marcas da seca E7

FOTO DOMENECGETTY IMAGES

Visabeira admite mais aquisições este ano

Em entrevista, o CEO da Visabeira também critica os apoios estatais ao gás E12

MONTEPIO Nova gestão tem de lidar com velhos problemas E10

Portugal com pouca margem para cortar no gás E5

BCE Novo programa contra a especulação faz descer juros

Uma semana depois do anúncio da possibilidade de o Banco Central Europeu voltar a comprar dívida, **os juros portugueses caíram para mínimos de três meses** E4

Remodelação de casas continua em alta

Cada vez há mais famílias a comprar imóveis usados para reabilitar E20



A conta que dá de volta

Abra uma conta no Santander e receba de volta o cartão de débito, descontos em combustível e energia, e muito mais. Informe-se em santander.pt

Aceda aqui para abrir conta online



Santander